

TEMPUS EDAX RERUM

(O tempo que a tudo destrói)

Ainda ontem passei ali,
Logo ali, na praça da EFOM...
Onde? Aonde?

Ali, defronte o prédio da estação,
Da Estrada de Ferro Oeste de Minas,
E nesta passagem, paisagem, fez falta,
Faz falta, encontra-se ausente
Uma testemunha da História recente,
Semente decadente, carente
De memórias presentes:

O pequeno “BIG-BEN” são-joanense.

O melodioso, belo, bom e antigo

RELÓGIO DA ESTAÇÃO.

Ele já não pode mais “olhar” a nossa cidade,
Nem o deixam mais badalar o nosso tempo...

Já deixou de marcar as saídas para o Sertão,

Para Águas Santas, Aureliano Mourão,

Barroso, Antônio Carlos,

E agora já não marca mais (até quando?)

As idas raras para Tiradentes.

Não atende mais, nem mesmo aos tristes lamentos

Dos seus irmãos que, com badaladas clamantes,

Ainda teimam (em vão) continuar,

Lá das Igrejas do Pilar e de Dom Bosco,

Chamar pela sua presença.

Por qual motivo não tomas mais conta do nosso tempo?

Pelo enigma de seu triste óculo, aro vazio e triste,

O “velho” relógio parece ainda estar a nos desafiar:

Oh, são-joanenses, decifrem onde estou!

Procurem-me... Admirem-me... Ouçam-me...

Ainda quero fazer parte da paisagem,

Quero soar as suas últimas horas,

E fazer parte da vida de vossos filhos!

Nota: publicado originalmente no jornal Tribuna Sanjoanense (São João del-Rei, ano XXIX, edição nº 492, de 14 de julho de 1998 – página 4). Este texto ainda está atualíssimo em 2010, pois o relógio da Estação (**foto ao lado**) continua danificado e abandonado, sem marcar e bater as horas...

